

# LUÍS DE GONZAGA MENDES CHAVES: lições de um mestre

SULAMITA VIEIRA\*

Neste ano em que celebramos quatro décadas de implantação do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará, ao decidirmos que este acontecimento seria registrado na nossa Revista, colegas do Departamento me sugeriram escrever algumas palavras reverenciando a memória de Luís de Gonzaga Mendes Chaves, um dos componentes do núcleo de docentes responsável pela criação do Curso.

Luís de Gonzaga Mendes Chaves, no breve tempo que lhe foi dado viver, deu significativa contribuição na formação das primeiras turmas de Graduação em Ciências Sociais na UFC. Desse modo, decorridas mais de três décadas da sua morte, continuamos a encontrar frutos dos seus ensinamentos, principalmente em práticas de pesquisa daqueles que tiveram o privilégio de estudar com ele.

Neste texto, além de breves referências biográficas, me atenho mais especificamente ao seu jeito de ser professor, reunindo competência, seriedade e um “espírito brincalhão”; a uma certa visão de mundo manifesta na relação com seus alunos, na sala de aula ou nos trabalhos de campo; e, por fim, refiro-me a algumas lições que encontro na sua dissertação de mestrado. Deixo de lado, portanto, a sua produção, veiculada em periódicos, dentre os quais esta Revista<sup>1</sup>.

\*\*\*

Conheci Luís de Gonzaga quando eu estava cursando a graduação em ciências sociais na UFC<sup>2</sup> e ele regressara do seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no início dos anos 1970. Tal como alguns dos nossos outros professores daquela época, ele graduara-se em Direito. Quando ainda aluno de Graduação, conseguiu uma

bolsa para estudar na Alemanha; concretizava, assim, um desejo que trazia dos tempos em que estudara a língua germânica no Seminário dos Franciscanos, instituição na qual obteve sua formação de ensinos Fundamental e Médio, ou, para usar nomenclatura de então, cursou o Primário, o Ginásio e o Científico.

A conquista dessa bolsa de estudos levou Mendes Chaves a suspender seu curso de Direito, viajando para Bonn. Dessa maneira, por dois anos, teve oportunidade de se dedicar inteiramente ao estudo dos clássicos da sociologia. Nesse período, casou-se com Maria da Conceição Lima, e lá nasceu a primeira filha do casal, de uma série de cinco, entre homens e mulheres. Quando falava sobre a quantidade de filhos – e falava sempre sobre eles e sobre a sua mulher – costumava brincar, dizendo: “me casei no dia primeiro de maio, portanto, sob o signo do trabalho”.

Ao se encerrar o período da bolsa na Alemanha, retornou ao Ceará e concluiu o curso de Direito, na Universidade Federal do Ceará, ingressando, posteriormente, no então Instituto de Antropologia, desta universidade, fundado em 1958, em Fortaleza.

Como pesquisador do Instituto, Luís de Gonzaga Mendes Chaves desenvolveu um projeto de pesquisa<sup>3</sup> junto à população de Almofala – então município de Acaraú – na região Norte do Ceará<sup>4</sup>. Seguindo orientações metodológicas em voga à época, fez ali um exaustivo “estudo de comunidade”. Assim, fixou residência em Almofala, onde a UFC alugou uma casa e ele morou por dois anos (segundo nos conta, esta era chamada pelos habitantes de “a casa do professor”). À época, não existia estrada até aquela localidade, o que levou Mendes Chaves a comprar um cavalo, que passou a ser o seu meio de transporte para os deslocamentos na região, por exemplo, no percurso dos quase 30 km entre o referido povoado e a sede municipal.

\* Professora da Universidade Federal do Ceará

Mais tarde, professor do então Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, além das atividades de ensino e pesquisa, Luís de Gonzaga atuou no campo da extensão, dentro de um programa do Ministério da Educação; no caso, coordenando o treinamento profissional de estudantes na zona rural do estado. Especificando melhor, nesta condição, assumiu a responsabilidade por todo um levantamento sócio-econômico, realizado previamente na Microrregião e orientava, em termos de pesquisa e extensão, o grupo de estagiários de ciências sociais.

Por ocasião das viagens concernentes a este Programa, nos contava muitas histórias interessantes, em torno da experiência vivida por ele em Almofala. Ressalte-se que transformava histórias, aparentemente simples da sua trajetória individual, em verdadeiras aulas de metodologia da pesquisa. Falava, por exemplo, de todo o processo de conquista da confiança da população; dos primeiros contatos; dos mecanismos de aproximação; das muitas interpretações que as pessoas faziam da sua permanência naquela vila de pescadores... Conforme enfatizava, sempre, muitos dos seus primeiros entrevistados, meses depois o procuravam para lhe dizer que não haviam falado a “verdade”, nas suas respostas, porque não confiavam... Gradativamente, como disse, Luís de Gonzaga conquistou a população de tal modo, que, ao final desses dois anos de pesquisa, deixou na comunidade vinte e cinco afilhados. Ao contar isso, ele aproveitava para falar do significado local (e dos critérios adotados) de “ser padrinho”, ou de se tomar alguém como padrinho de um filho; das relações de compadrio em vigor na região, etc.

Desse modo, uma vez que nos seus comentários Luís de Gonzaga intercalava passagens de explicações teórico-metodológicas dos clássicos, as suas narrativas nos ajudavam a entender, por exemplo, a complexidade da relação pesquisador-pesquisado; a pensar sobre aspectos da objetividade e da subjetividade, na prática da investigação social; a compreender com mais clareza o uso das técnicas de entrevista e observação participante; nos faziam compreender particularidades dos “estudos de comunidade” e da sistematização do conhecimento sociológico. Enfim, dentro e fora da sala de aula tínhamos o privilégio de contar com um pesquisador-professor sempre dispo-

to a socializar saberes, exercendo, simultaneamente, a sua função pedagógica de educador.

Na Graduação, fui sua aluna nas disciplinas *Teoria Sociológica* e *Sociologia Rural*. Nunca é demais dizer que ele possuía um grande preparo intelectual, conhecia a fundo os clássicos (lendo-os nos originais, num tempo em que as traduções eram certamente bem mais escassas e também mais precárias do que hoje). Tenho lembranças muito boas das suas aulas e guardo comigo uma profunda admiração pela responsabilidade, pela seriedade e pelo rigor com que encarava o ofício de professor. A impressão que me ficou é que Luís de Gonzaga abraçara o magistério como uma espécie de vocação. Era um verdadeiro mestre. Lembro-me sempre da forma cuidadosa com que preparava as aulas, e da sua magnífica capacidade de articular dois aspectos: aquilo que se considera como teoria propriamente dita e o plano empírico. Guardo admiração e respeito, sobretudo, por aquele seu jeito de ser permanentemente professor; ou seja, pela sua enorme competência em saber, sempre, pôr a antropologia (ou as ciências sociais) onde aparentemente não cabia, levando com isso as nossas inquietações para o campo do estudo. E mais, com uma sabedoria incrível, mesclando saber e humor.

Na minha interpretação, no exercício profissional Luís de Gonzaga se pôs, simultaneamente, como professor e educador. Manifestava, sempre, sua preocupação de por o aluno para pensar, para refletir sobre as leituras, para ir muito além delas. Nunca me esqueci de quando, em *Sociologia Rural*, estudamos durante uns dois meses o conceito de campesinato, a inserção do campesinato na sociedade, a historicidade do conceito, as diferenças entre o que se chamava de camponês em certas regiões da Europa medieval e no Brasil, etc. E, no dia da prova, nos trouxe um desafio, isto é, levou-nos a um real exercício de raciocínio, através de uma única formulação, relativamente simples, expressa nos seguintes termos: *camponeses no Ceará?*

Luís de Gonzaga tinha também a notável capacidade de levar muito a sério o trabalho intelectual, sem nenhuma empáfia, mantendo, ao mesmo tempo, um espírito brincalhão, de contar piada, de procurar humor, por exemplo, em dificuldades eventuais enfrentadas no trabalho de campo, tornando-as mais

leves, e, repito, sem se descuidar do aspecto educativo, de algum modo nos alertando para uma espécie de tomada de consciência ou maturação acerca de peculiaridades dos caminhos da investigação social e do “fazer sociológico”.

Conforme mencionei anteriormente, sob a orientação de Luís de Gonzaga fui estagiária em um projeto de extensão, CRUTAC<sup>5</sup>. Esse projeto tinha como um de seus objetivos treinar estudantes, colocá-los em contato com a realidade rural. No contexto da organização e estrutura do ensino nas nossas universidades federais, a proposta do CRUTAC continha uma contradição: ao mesmo tempo em que o MEC apresentava esse programa às instituições federais de ensino superior, não havia margem no currículo dos vários cursos para o estágio. Ou seja, o aluno deveria ir para o meio rural, e, ao mesmo tempo, na cidade (onde estavam sediadas as escolas), assistir às aulas, fazer as provas, etc. Então, no caso, a alternativa encontrada foi deslocar os estagiários nos finais de semana, nos chamados feriados prolongados e, principalmente, durante as férias.

Refiro-me a esses aspectos para dizer que, como estagiária do CRUTAC, tive a felicidade de trabalhar durante quase dois anos com Luís de Gonzaga, viajando, no início, por toda a Microrregião de Uruburetama (ou seja, 10 municípios do sertão central cearense) e, posteriormente, para o município de Itapipoca, que foi o escolhido para o trabalho junto às comunidades. Na dinâmica do estágio, éramos orientados previamente, em sessões específicas, antes da viagem, para a coleta de dados. E, iniciado o trabalho de campo, o professor acompanhava, sistematicamente, as nossas atividades, preocupando-se em particular com duas “frentes”: orientação individual, de acordo com as necessidades ou especificidades do trabalho de cada um e, coletivamente, com orientações gerais sobre o processo de pesquisa (o que perguntar; como se dirigir às pessoas; como se comportar, respeitando valores culturais locais; como fazer diário de campo, como classificar os dados, como fazer relatório, enfim, um conjunto de informações e orientações indispensável a qualquer aprendiz de pesquisa).

Como eu disse, ter a oportunidade de trabalhar com ele significou muito, do ponto de vista do nosso aprendizado em pesquisa, associada ao ensino. Em

campo, estava sempre disponível para nos ouvir e tinha sempre o que nos dizer. Às vezes terminávamos o jantar, após um dia de trabalho e, ali mesmo, em volta da mesa (fosse no “hotel da D. Ester”, na sede municipal; no sertão, na casa paroquial, em Amontada; no terreiro ou no alpendre da casa de um morador, nas comunidades mais distantes, como as da praia e as da serra, em qualquer lugar), começávamos a conversar sobre acontecimentos do dia. Ele ouvia... de repente abria a sua pasta e dizia: “eu tenho aqui um pequeno trabalho que pode ajudar...”. Desse modo, estávamos sempre tendo aulas, mas sobretudo aulas muito ricas em conhecimento e experiências que ele trazia para o contexto; aulas muito agradáveis pela sabedoria e vida a elas impressas.

Falando assim da contribuição do Luís de Gonzaga para a nossa formação, os que não o conheceram certamente o estão imaginando um “senhor”. Pois lhes digo que esse mestre, cearense, nascido em Nova Russas, no Ceará, faleceu, acidentalmente, no fatídico 3 de maio de 1975, aos 37 anos de idade, numa viagem de trabalho, vítima de afogamento, ao tentar atravessar um rio, nos sertões de Crateús, onde se encontrava em atividade profissional, de pesquisa.

Diante dessa tragédia, atônitos, repetíamos, desta vez sem resposta, aquela sua pergunta “preferida”: por que? Sentíamos-nos órfãos. Hoje, constatamos que o vazio da sua ausência física parece ser preenchido, constantemente, em ações profissionais de seus ex-alunos, alguns dos quais exercendo o magistério na mesma instituição.

\*\*\*

Foi a partir da experiência de pesquisa em Almo-fala que Luís de Gonzaga Mendes Chaves desenvolveu a sua dissertação de Mestrado no Museu Nacional, intitulada **Trabalho e Subsistência. Almo-fala: aspectos da tecnologia e das relações de produção**, cuja defesa ocorreu no ano de 1973.

Adotando a técnica metodológica *estudo de comunidade* – definida por ele mesmo como “levantamento (...) de dados referentes à vida global da comunidade, através, antes de tudo, da observação participante, mas também de levantamentos estatísticos, de entrevistas informais e dirigidas, etc.” (p. 5) –, conforme mencionei antes, Luís de Gonzaga

entregou-se inteiramente àquela pesquisa, residindo em Almofala, por dois anos e meio. Nas suas palavras, “lá alugamos uma casa, colocamos os móveis necessários, contratamos uma cozinheira e tentamos adaptar-nos o mais possível à vida local. Fizemos amizade bastante estreita com muitos informantes, ganhando-lhes em breve a confiança a tal ponto de nos confessarem confidências as mais íntimas (...). Partipávamos de todos os acontecimentos frequentes ou mais raros da comunidade...” (p. 8).

A leitura desse trabalho pode nos conduzir a vários caminhos. Ou seja, além daquilo que se constitui objeto de análise – a tecnologia e as relações de produção nos universos da pesca e da agricultura em Almofala –, encontramos ali janelas abertas através das quais podemos correr o olhar por outras paisagens. Refiro-me, por exemplo, a uma espécie de retrospectiva, no tempo, da trajetória de abordagens antropológicas, tanto no que concerne ao uso de determinados conceitos quanto em termos de técnicas e recursos metodológicos adotados. Refiro-me também ao registro cuidadoso da experiência de campo vivida pelo autor, explicitando as suas incertezas e limitações, no alvorecer da sua carreira de pesquisador. O meu testemunho é de que a postura de interlocutor-aprendiz foi uma constante na sua vida de magistério.

A dissertação reflete, ainda, um pouco daquilo que se esboçava como uma espécie de modelo ou o sonho de ensino e pesquisa, idealizado pelos pioneiros, entre os quais se inclui Luís de Gonzaga, responsáveis pela implantação do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará.

Falando mais diretamente do conteúdo desse trabalho, a sua leitura nos possibilita refletir, a partir de uma experiência localizada, sobre: o contexto histórico e a caracterização de uma economia camponesa fundada na *agricultura de subsistência* e na *pesca artesanal*; e processos de diferenciação interna que engendram o movimento articulado no qual têm realce *situações de classe* e estratos sociais numa perspectiva relacional. Trata-se de uma contribuição para aqueles que buscam compreender, em particular, transformações nas relações de produção no campo, no Ceará. Ademais, o autor nos ajuda a ver com clareza aspectos da dinâmica da sociedade e da cultura, por exemplo, na medida em que examina

jogos de interesses entre categorias sociais integrantes de tais estruturas e nos fala da produção / reprodução de representações e valores culturais que permeiam relações, *horizontais e verticais*, entre trabalhadores e entre proprietários e trabalhadores. Concretamente, me refiro à análise, feita por Mendes Chaves, das relações entre pescadores (“vaqueiros”, “ajudantes”, “canoeiros”, etc.) e relações entre estes e os donos do “chão do mar”, das canoas e de outros equipamentos de pesca; e, ainda, entre camponeses e entre estes e os donos da terra.

Abordando a pesca de curral que, conforme ele próprio ressalta, à época uma técnica já em declínio, Luís de Gonzaga nos deixa de presente precioso registro, em termos de memória e de uma reconstituição histórico-antropológica da comunidade de Almofala.

Na descrição da pesca de curral, o autor nos proporciona um belo passeio pelo litoral do Ceará, obviamente com permanência mais longa na praia de Almofala. Aqui, a descrição como que carrega o leitor mar adentro, para acompanhar todo o processo de construção e montagem do curral, ocasião em que o mesmo poderá testemunhar a divisão de tarefas entre os trabalhadores, a hierarquização ali instituída; compreender as diferentes formas de inserção e os diversos mecanismos de interação, expressos como conflito, como cooperação e também como relações de mando e subordinação. Sempre atento nesta incursão o leitor perceberá, por exemplo, que, naquele contexto, a praia tem *barra*, a lua *governa*, tem *força* e *maré*, e a água do mar se mostra em *carreiras*. Apreendendo essas múltiplas linguagens, o leitor poderá até integrar um *mutirão* que reúne diferentes categorias sociais para o “levantar do curral” e, naquele instante da “rodada de cachaça”, compreenderá também a *conotação festiva* daquilo que, aos menos avisados, pareceria, pura e simplesmente, um extenuante trabalho.

Prosseguindo neste passeio, para acompanhar a *pesca de linha*, o leitor poderá permanecer relativamente próximo à praia, no “mar de terra”, ou se deslocar para o alto mar ou “mar de fora”, que se inicia na *linha onde se perde de vista a terra*. De qualquer modo, conduzido pelo autor, na observação da *pesca de linha*, obterá informações detalhadas acerca do complexo ‘embarcação’ e sobre todo um conjunto de

técnicas, artefatos, procedimentos e normas, ligado diretamente a essa técnica de fisgar o peixe. Verá que, tal como ocorre à pesca de curral, aqui também valores e crenças, além do conhecimento de certos fatores geográficos e ecológicos, integram o chamado universo tecnológico desta modalidade pesqueira. Palmilhando tal universo, além de encontrar, por exemplo, a *risca* e as *pontas d'água*, o vento *largo*, o leitor poderá presenciar, maravilhado, talvez, *brigas* de mares ou de ventos; e, se eventualmente chegar desnordeado ao *fim do mar* de pesca, em noite alta de céu limpo, é só olhar a *posição do Cruzeiro do Sul*; ou do *Sol*, se for durante o dia. Aos poucos, substituirá a imagem de um caos aparente por uma outra que lhe indica um mar pontuado de significações.

Em áreas próximas ao mar, Luís de Gonzaga nos mostra exuberantes coqueirais, fonte de riqueza concentrada em pouquíssimas mãos; e, afastando-se um pouco da orla marítima, nos leva a conhecer o universo da *agricultura de subsistência*, atividade complementar à pesca. Aqui, fiel aos depoimentos dos seus entrevistados, o autor nos apresenta uma riquíssima descrição da tecnologia adotada pelos agricultores, incluindo equipamentos, técnicas e conhecimentos mais específicos, bem como todo um sistema de práticas e orientações culturais, envolvendo, por exemplo, concepções acerca de “bom inverno” ou de seca, baseadas em comportamentos de animais, de astros celestes ou em certos “sinais do mar”; além de representações dos lavradores alusivas a supostas interferências e a maneiras de enfrentá-las, na lida com a terra. Nesses termos, são referidos, por exemplo, “mau olhado”, “quebrante” e “pragas de insetos”, ao lado de “rezas” e outras práticas e saberes considerados eficazes no combate ou na prevenção de tais males.

No plano das relações sociais, na *pesca de linha* e na *agricultura*, o autor analisa intrincados sistemas interativos, tendo como atores principais *proprietários* (de terra e de equipamentos de pesca) e *trabalhadores* (mestres, proeiros e rebiques; moradores, vaqueiros de coco, rendeiros, etc.), reproduzindo ou recriando, no seu dia-a-dia, estruturas e hierarquias nas quais se configuram lugares e papéis sociais, orientados por toda uma simbologia, o que se reflete, por exemplo, na divisão de tarefas e da produção, e nas próprias

posições de cada um dentro das embarcações, nas diversas “fases” da atividade agrícola e nas ligações de Almofala com a sociedade mais ampla.

Estas são algumas das lições que guardo do nosso mestre e que, de uma forma ou de outra, têm me ajudado, sempre.

Fortaleza, março de 2008.

Sulamita Vieira

## NOTAS

- 1 Nesta Revista, Mendes Chaves publicou: “Tentativa de um modelo de estratificação social para uma localidade do Ceará”, v. 1, nº 1, p. 5-20, 1970; “Minorias e seu estudo no Brasil”, v. 2, nº 1, p. 149-168, 1971; “Um aspecto relevante da contribuição de Sílvio Romero às Ciências Sociais”, v. 2, nº 2, p. 87-113, 1971; “Aspectos da estrutura ocupacional de uma região pesqueira do Ceará”, v. 3, nº 1, p. 63-76, 1972 e “Pesca artesanal no Ceará: tecnologia, sistema cognitivo e relações de produção”, v. 6, nº ½, p. 5-28, 1975.
- 2 Como estudante de Ciências Sociais, na UFC, além de haver cursado disciplinas ministradas pelo professor Luís de Gonzaga, fui sua monitora e, durante quase dois anos, bolsista em um projeto de extensão, na zona rural, sob sua orientação; posteriormente, continuei sob sua orientação, em atividades de pesquisa, em projeto que ele desenvolvia quando faleceu.
- 3 Tal pesquisa integrava um projeto institucional de investigação social mais amplo, denominado *Programa da Área Pesqueira Litorânea*, a ser executado em diferentes localidades da costa cearense. Em cada localidade, a pesquisa ficou sob a responsabilidade de um dos pesquisadores do grupo que compunha o Instituto.
- 4 Atualmente, Almofala pertence ao município de Itarema, que resulta de um desmembramento do município de Acaraú.
- 5 Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária, um projeto do Ministério da Educação, implantado nas universidades federais, em todo o Brasil, no início dos anos 1970.